

FILOSOFIA APLICADA: ENTREVISTA COM JOSÉ BARRIENTOS RASTROJO – UNIVERSIDADE DE SEVILHA⁷⁸

1 – Em pleno século XXI, ainda há lugar para a filosofia?⁷⁹

Vivemos num momento cheio de incertezas e medos. O COVID-19 está a criar muitas preocupações radicais que despertam perguntas existenciais sobre a nossa vida e sobre as possibilidades do futuro. A ciência, a disciplina que pensamos que poderia dar pautas no momento de crise, não oferece linhas claras sobre o uso das máscaras, formas de saudações, formas de combater o vírus etc.

Mas o COVID-19 é apenas uma parte das preocupações: sofremos riscos no meio ambiente, medos económicos que fazem com que já não tenhamos certezas sobre nosso trabalho porque amanhã podemos estar desempregados devido à volatilidade econômica. Os modelos éticos não são definitivos: novos problemas estão a entrar muito rápido e os modelos nacionais que aprendemos na escola não servem para uma sociedade global; ao fim, temos a obrigação de criar soluções quase ao mesmo tempo que as implementamos.

Aliás, vivemos num mundo com diversidade de formas de existir e perceber a realidade. Inicialmente, isto é muito bom porque rompe o dogmatismo e a imposição de muitas ditaduras do passado. Aliás, a dor

⁷⁸ José Barrientos Rastrojo é professor titular da Universidade de Sevilha e diretor da Revista Internacional de Filosofia Aplicada HASER, Diretor Adjunto da revista Argumentos de Razón Técnica e codiretor da Cátedra de Hermenêutica Analógica e da Revista Hermes Analógica. Escreveu o primeiro livro de história da Filosofia Aplicada ou Orientação Filosófica em língua espanhola. Fundou e é um dos atuais presidentes da Rede Ibero-americana de Pesquisa em Filosofia Aplicada.

⁷⁹ Esta entrevista e este número fazem parte dos resultados de pesquisa do projecto “Estudio de la eficacia de la Filosofía Aplicada en Prisión para el desarrollo de las virtudes dianoéticas y éticas” (Ref. US-201800100015439).

de pessoas que noutro tempo foram catalogados como “anormais” e limitada porque os “diferentes” são aceitos dentro de uma “diversidade funcional” inclusiva. No entanto, a diversidade cria desafios para o ser humano: como entendermos dentro desta pluralidade tão diferente? As filosofias de Habermas, de Rorty ou a filosofia da comunidade indígena mexicana dos *tojolabales* podem ajudar a criar comunidade dentro da diversidade.

O estoicismo e outras filosofias são possibilidades para viver com calma neste mundo líquido (termo de Bauman) ou nesta sociedade do risco (termo de Ulrich Beck) ou para aceitar que a inquietude é parte da existência (dizia Ortega y Gasset que a vida é essencialmente problemática, isto é, não podemos viver sem problemas). Nos últimos anos, tenho escrito sobre como desenvolver oficinas práticas baseadas nestes e outros filósofos e teorias.⁸⁰

Portanto, não poderia afirmar que hoje a filosofia é mais precisa do que no passado, posto que eu não vivi no século XIX ou anteriores. Mas posso defender que os novos desafios estão a justificar a necessidade da filosofia no nosso século.

2 – Você é referência internacional em uma área ainda conhecida por poucos no Brasil. Em linhas gerais o que seria a filosofia aplicada?

A Filosofia aplicada é a aplicação das teorias da filosofia, isto é, converter a filosofia numa experiência. Por isso, Filosofia Aplicada é sinônimo de Filosofia Experiencial. Isto significa que, embora a teoria filosófica e estudar os conceptos filosóficos seja importante e constitui a base da Filosofia Aplicada, não é suficiente para entrar dentro do mundo filosófico. Não é suficiente estudar a dinâmica da *praemeditatio malorum* ou a *diakrisis* estoica se não é vivida. Essa vivência ou experiência destes exercícios filosóficos vão proporcionar à pessoa um conhecimento que vai além do conhecimento teórico.

Portanto, a Filosofia Aplicada irá mostrar as etapas duma “variação eidética” (metodologia husserliana para adquirir o *eidos* ou a forma de um conceito) mas vai, também, desenvolver oficinas com participantes que façam suas próprias variações eidéticas de conceitos como “liberdade”, “pessoa” ou “felicidade”. A mesma coisa podemos dizer da técnica estoica da “*praemeditatio malorum*”: vamos explicar o conceito, suas finalidades, sua origem e o resto dos seus elementos mas, sobretudo, vamos fazer que os assistentes de uma oficina de “*praemeditatio malorum*” experimentem nas suas vidas e consigam seus resultados na sua existência.

80 Cf. Barrientos-Rastrojo, J. (2020): *Filosofía aplicada experiencial. Más allá del postureo filosófico*, Plaza&Valdés, Madrid; Barrientos-Rastrojo, J. (2010): *Resolución de conflictos desde la Filosofía Aplicada y desde la Mediación*, Universidad Católica Portuguesa – Visión Libros, Lisboa, 2010; Barrientos-Rastrojo, J. (2019): “Philosophical practice as experience and travel”, *Socium i vlast*, Nº 4 (78), pp. 29-44.

A mesma coisa podemos dizer dentro das consultas. Se um consultante apresentar uma questão, podemos utilizar a lógica ou a racionalidade simbólica ou poética para ajudar em sua análise. Assim, não damos uma aula de lógica ou destas rationalidades, mas utilizamos seu potencial para estudar sua questão ou problema.

3 – Quais são as principais áreas de atuação do especialista em filosofia aplicada?

A filosofia é um “existenciário”, isto é, uma condição do fazer-nos humanos, que pode ser desenvolvido sobre quaisquer temas. Mas poderia dividir dois tipos de ações segundo o número de pessoas com os quais estejamos a trabalhar: consultas e grupos.

Dentro dos grupos, há oficinas com crianças e jovens (Filosofia para/com Crianças), em prisões, hospitais, instituições sociais, etc.⁸¹ Se o nosso critério é metodológico temos diferentes oficinas baseadas no diálogo socrático de Leonard Nelson, mas poderíamos incluir outras oficinas baseadas em pautas de ações cartesianas, zambranianas⁸², freirianas ou fundadas em Agostinho da Silva. Inclusive podemos criar oficinas de apreciação estética e ecológica baseada na filosofia yanomami ou outra baseada na aceitação da morte e a luta pela vida da filosofia náhuatl e sua ideia da “flor e canto”.

4 – Existiria alguma demarcação entre o praticante de filosofia aplicada e outras áreas de conhecimento?

Sim, existe essa demarcação. O problema é explicar essa demarcação: teríamos de analisar a diferença com cada disciplina. É normal que os jornalistas perguntam a diferença entre a Filosofia Aplicada e a Psicologia. Responder exige diferenciar a nossa matéria de cada uma das Psicologias: não existe uma única Psicologia no contexto internacional. Estaríamos na obrigação de separar a Filosofia Aplicada da Psicologia cognitivo comportamental, da Psicologia transpessoal, da Psicologia Humanista, da Psicologia Clínica, etc.... Ainda mais, se a Psicanálise

81 Cf. Barrientos Rastrojo, J. (ed.) (2011): Metodologías aplicadas desde la filosofía: Establecimientos prisionales, Empresa, Ética, Consultoría y educación, Universidad Católica Portuguesa – VL, Lisboa-Madrid; Barrientos-Rastrojo, J. – Méndez Camarasa, J. (eds.) (2011): Intervenciones filosóficas en la sociedad, Universidad Vasco de Quiroga – VL, Morelia (México), 2011.

82 Cf. Barrientos-Rastrojo, J. (2009): Vectores zambranianos para una teoría de la Filosofía Aplicada a la Persona, Volúmenes 1 y 2, Vicerrectorado de investigación, Universidad de Sevilla; Barrientos Rastrojo, J. (2013): “El canto metafórico como emplazamiento de acción de la filosofía y de las humanidades. De lo sagrado simbólico-íónico en Beuchot y Zambrano a la intensidad de la palabra en Heidegger y Gadamer”, Estudios filosóficos, nº 181, vol 62, pp. 491-517; Barrientos-Rastrojo, J. (2008): “María Zambrano, compromiso existencial y filosofía aplicada a la persona” en AA.VV.: Filosofía aplicada a la persona y a grupos, DOSS ediciones, Sevilla, pp. 81-91.

é considerada uma Psicologia, teríamos de distinguir a Filosofia Aplicada e cada tipo de Psicanálise (freudiano, jungiano, adleriano, etc...).

Por isso, proponho que é mais importante definir o que somos (como filósofos aplicados) que tentar nos diferenciar de outros campos. Se explicarmos a nossa identidade filosófica, os especialistas das outras matérias poderão estabelecer as semelhanças e diferenças. Se tentamos usar como medida para a distinção outras disciplinas temos dois problemas: Primeiro, seria como tentar distinguir ao ser humano de cada um dos animais: esta distinção é complexa posto que não tem nada a ver a diferença de uma pessoa e um carapau com a diferença de um ser humano e um delfim ou um orangotango. Por exemplo, se decidimos que a diferença entre uma pessoa e um animal é que nós temos capacidade para mentir e os animais não, isso serve para diferenciar entre o carapau e a pessoa, mas não para separar os humanos dos orangotangos.

Seja como for, uma diferença que possui em relação a muitas psicologias é que a Filosofia Aplicada parte de um modelo crítico e muitas Psicologias são técnicas baseadas em modelos de saúde e doença, de normalidade e anormalidade dependente de modelos históricos. Mas, repito, isto não acontece em todos os casos.

5 – Uma das grandes críticas que se faz à filosofia aplicada é o de que ela poderia instrumentalizar a prática filosófica. Como você responde a essas críticas?

Infelizmente, tenho de dizer que essa crítica é real em muitos filósofos aplicados. Essa crítica consiste em utilizar a filosofia para fins externos a ela mesma. Por exemplo, utilizar a Filosofia para diminuir a ansiedade (embora Heidegger tenha dito que a angústia é o princípio da autenticidade) ou utilizar a Filosofia como instrumento para a Felicidade ou utilizar a Filosofia para resolver problemas dentro dum mundo “normalizado”.

Apesar de existirem Filosofias Aplicadas instrumentalizadas, e filósofos aplicados que nem sequer entendem a crítica, porque não estudaram Horkheimer, Adorno ou Honneth, acho que estão errados os que dizem que a Filosofia Aplicada nestes casos não é Filosofia porque é instrumental. Se esses críticos conhecerem mais a História da Filosofia, saberão que o problema é da Filosofia geral e não da Filosofia Aplicada, de fato, a História do Pensamento contém filosofias (teóricas) instrumentalizadoras. Essas filosofias instrumentalizadoras fazem parte do cânon filosófico.

A pergunta seria: porque essas filosofias instrumentalizadoras são consideradas pelos teóricos filosofias e as Filosofias Aplicadas instrumentalizadoras não o são? Repito, provavelmente, o problema não esteja nas Filosofias Aplicadas instrumentalizadoras senão, simplesmente, nas Filosofias instrumentalizadoras.

Por outro lado, temos a questão da utilidade da nossa disciplina: deve ser útil a Filosofia? Sempre respondo que a Filosofia Aplicada não deve procurar a utilidade, mas a atividade filosófica tem resultados que podem ser úteis para as pessoas. A Filosofia Aplicada devia buscar fins internos a si mesma, isto é, fins filosóficos, mas é possível aceitar resultados úteis para as pessoas partindo das suas ações.⁸³ Sempre explico isto com o exemplo da literatura. O autor de um romance não pretende fazer terapia. O escritor não é um terapeuta. No entanto, sua ação pode ser terapêutica: pode obter resultados terapêuticos, pode ajudar a uma pessoa a superar um sofrimento emocional grave. A situação da Filosofia Aplicada é análoga. Seu fim é filosófico, é fazer filosofia ou ajudar a outros fazerem filosofia, mas os resultados podem ser terapêuticos. Peter Raabe disse: A Filosofia Aplicada não é uma terapia, mas é terapêutica.

6 – Quando se fala em filosofia aplicada, muitos associam à filosofia clínica? São a mesma coisa? Quais são as principais diferenças?

A modalidade de Filosofia Clínica de Packter é diferente. Escrevi um livro com ele em 2014 e organizei com ele um congresso em Sevilha.⁸⁴ A Filosofia Clínica inspira-se em teorias filosóficas para construir um modelo específico com uma série de elementos que servem para analisar o problema da pessoa.

Estive a analisar esse modelo com uma excelente pesquisadora do modelo: Mónica Aiub. Descobrimos que as categorias que eles usam podem encontrar-se dentro da história do pensamento, no entanto, a Filosofia pode ampliar essas categorias. Aliás, a filosofia clínica, por vezes, pode levar a pensar uma antropologia de sãos e doentes. Ainda mais, que as categorias podem orientar a estrutura das sessões. Isto é bom para o trabalho das pessoas que estão trabalhando na área de Filosofia Clínica.

A Filosofia Clínica parte de uma disfunção da pessoa e acho que a Filosofia Aplicada nem sempre origina-se ali, é mais aberta: a consulta filosófica pode trabalhar com pessoas que simplesmente desejam melhorar suas formas de pensar ou aprofundar o sentido da vida e do mundo se tiverem ou não doenças ou disfunções.

Seja como for, depois de falar com Mónica Aiub e com Mauricio Carvalho, acho que o foco da Filosofia Clínica poderia chegar facilmente a coincidir com uma modalidade mista ou inclusive a Filosofia Clínica

83 Cf. Barrientos-Rastrojo, J. (2014): "Introducción a la Filosofía Aplicada" en Introducción a la Filosofía Aplicada y la Filosofía Clínica, Visión, Madrid, pp. 17-50; Barrientos-Rastrojo J. (2018): "La obcecación creencial y su tratamiento por medio de la comun(ica)ción experiencial y de la palabra invocadora", Ilu, 23, pp. 13-30.

84 Cf. Barrientos Rastrojo, J. – Packter, L. – Carvalho, J.M. (2014): *Introducción a la filosofía aplicada y a la filosofía clínica*, Madrid, Asociación Cultural Científica Iberoamericana, 2014 (edição brasileira: *Introdução à Filosofia Clínica e à Filosofia Aplicada*, FiloCzar, São Paulo, 2014).

poderia converter-se numa modalidade da Filosofia Aplicada. São diferentes porque a Filosofia Aplicada tem fins filosóficos e não clínicos, mas podem chegar a dialogar.

7 – Em uma das vertentes da filosofia aplicada, o chamado aconselhamento filosófico, existe o receio de que ele funcionaria como terapia, associado à psicologia, esta associação está correta?

A Filosofia em geral pode ser uma ajuda para a terapia. Existe uma nota a rodapé da versão espanhola do *Enquiridion* de Epiteto (edição Anthropolos) que explica como um psicólogo deu aos seus doentes mentais esse livro filosófico. Os doentes mentais que leram, começaram a ter menos crises. Isto não deve levar a concluir que a Filosofia cura doenças mentais, mas pode ajudar em muitas doenças e disfunções mentais. De fato, algumas consultas estão formadas por psicólogos e filósofos.

No entanto, temos de ter muito cuidado com a terapia: Foucault avisou que muitas psicologias e psiquiatrias foram mecanismos para controlar e manipular às pessoas. Por vezes, a saúde é uma forma de uniformizar e normalizar às pessoas dentro dos modelos do poder. Lembremos que a homossexualidade foi considerada uma doença mental até alguns anos atrás; no século XIX, as mulheres que não obedeciam a seu esposo eram internadas em manicômios porque era considerado que não tinham saúde mental. Estes homossexuais e mulheres recebiam terapias como descargas elétricas ou psicofármacos que tentavam normalizar dentro da ideologia do poder. Portanto, temos de manter ativa a dimensão crítica da Filosofia. Horkheimer dizia na Teoria crítica o seguinte:

Lo que nosotros entendemos por crítica es el esfuerzo intelectual, y en definitiva práctico, por no aceptar sin reflexión y por simple hábito las ideas, los modos de actuar y las relaciones sociales dominantes; el esfuerzo por armonizar, entre sí y con las ideas y metas de la época, los sectores aislados de la vida social; por deducirlos genéticamente; por separar uno del otro el fenómeno y la esencia; por investigar los fundamentos de las cosas, en una palabra: por conocerlas de manera efectiva- mente real.⁸⁵

A terapia pode ser uma forma de aceitar um modelo de saúde e, portanto, de ajudar o poder, a normalizar as pessoas críticas. Obviamente, não estaria contra aqueles que aceitarem uma terapia crítica (e autocritica) que promova o desenvolvimento da pessoa e do seu pensamento, seja este qual for.

A emancipação questiona modelos dominantes: a terapia que se manter dentro dos modelos dominantes, sem crítica, cria no meu interior

85 Horkheimer, M. (2000): *Teoría crítica y teoría tradicional*, Paidós, Barcelona, pp. 287-288.

inquietude, apesar disso, não poderia dizer que isto não é filosofia porque também houve filósofos normalizados na História da Filosofia.

8 – Em artigo recente que produziu, você apontou limitações para a chamada filosofia analítica na prática filosófica. Quais seriam essas limitações e o que propõe para que sejam superadas?

A Filosofia analítica é uma das formas de desenvolver a Filosofia. Seus pilares são o trabalho com argumentos (razões, conclusões e pressuposições), conceptualização, descrição, faláncias, etc. Faz parte dela lógica, teoria da argumentação ou a retórica. Considera que a filosofia como modo de analisar argumentos e conceitos.

Outras filosofias têm trabalhado outros tipos de razão como a simbólica, a ontológica, a experiencial, a poética ou a estética.

Uma filosofia analítica explica o amor por meio de uma definição, uma razão simbólica expõe o amor por meio de um anel de casamento. Uma atuação analítica dentro de um consultório parte de perguntas, respostas e análises; uma atuação simbólica desdobra-se em ações simbólicas como pedir a uma pessoa que rasgue a fotografia de um irmão morto.

Uma das minhas consultantes tinha o seguinte problema. Divorciou-se do seu esposo meses atrás. Semanas mais tarde, percebeu que tinha um estranho problema: não conseguia esquecê-lo. Quando voltava do supermercado, descobria que tinha comprado o chocolate que ele gostava e que ela odiava. Quando ligava a televisão, ao pouco tempo que mudava o canal para ver programas que ela não desfrutava. Sua razão analítica tinha conseguido divorciar-se dele, mas não o seu ser. O consultor filosófico viu estranhado que ela ainda portava o seu anel de casamento na mão. Perguntou por que motivo e ela respondeu que gostava desse anel. O consultante pediu que ela deixasse o anel na consulta. Embora ela tenha apresentado algumas desculpas, ao fim decidiu deixar ali. Esse foi o princípio da solução ao problema. O exercício não estava focado na razão analítica, mas na razão simbólica.

Outros casos usam esta razão para descrever experiências dolorosas no mesmo momento que estão acontecendo para facilitar a aceitação da angústia e não rejeitá-la. Estes casos demonstram que, apesar da razão analítica ser imprescindível para a consulta, nem sempre é suficiente, porque o ser humano decide, sente e atua usando outras rationalidades.

9 – Um dos projetos que atualmente desenvolve, o Projeto Boécio, também está sendo aplicado em nosso país. O que é esse projeto?

É um projeto, coordenado otimamente no Brasil pelo Professor Dr. Edson Renato Nardi. Seu objetivo é avaliar empiricamente o

rendimento de oficinas de filosofia com detentos no Brasil e em países ibero-americanos. Fazemos um treinamento filosófico para as pessoas melhorarem suas habilidades de pensamento crítico e as capacidades baseadas nos princípios da filosofia estoica. Assim, os detentos conseguem ver mais profundamente, mais criticamente, tem mais força interior, etc. Os primeiros resultados têm indicado que os detentos têm uma melhor abertura da mente, capacidades cognitivas e inclusive muitos deixaram as drogas e diminuíram os desejos de suicídio.⁸⁶

10 – Já existem alguns resultados parciais da aplicação desse projeto?

Sim, falei disso na pergunta anterior. Também podem consultar os resultados empíricos do projeto de Filosofia Aplicada que fizemos com financiamento da *John Templeton Foundation* por meio da Universidade de Chicago no artigo “*Can wisdom be taught by philosophical practice? An experimental research*”.

11 – Se você pudesse apresentar alguma sugestão para aquele que se inicia na prática filosófica (Filosofia Prática), qual seria?

Primeira sugestão: procurar bibliografia ou publicações dos professores com formação: o movimento desenvolveu-se muito e há pessoas que não conhecem as bases teóricas. Apenas fizeram um curso de Filosofia para crianças ou de Filosofia aplicada de dias ou semanas e abriram novos cursos. Portanto, tem pouca formação.

Segunda sugestão: procurar a trajetória dos professores. Como disse, algumas pessoas abriram os cursos e não tem consultantes ou tem muito poucos e quase não trabalharam com grupos.

Terceiro, seria bom conhecer a imagem dos professores a nível internacional. Normalmente, os especialistas têm apresentado trabalhos no Congresso Internacional de Filosofia Aplicada (*International Conference on Philosophical Practice*) e nos congressos do ICPIC de Filosofia para Crianças.

86 Um resumo em português pode ser visualizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=PV-So4xRGH24> e em <https://www.youtube.com/watch?v=Nr1VE3ZuPyw>